

CANTAR DO AMIGO PERFEITO

Mônica Simas*

A intensidade do rigor ambíguo entre um cantar perfeito e um amigo perfeito, que subliminarmente repete o fardo de atravessar uma zona intervalar de in-“suspeição do amor”, “tão cauta e delicada”, da amizade que se descobre desejo, e do desejo, sexo, puro, livre e frágil, em amor, reflete na repetição insistente do refrão, uma curiosidade, um espanto ou uma angústia sem fim? A estrutura em que explora habilmente a repetição paralelística é conhecida; a pergunta nem sempre é dita, como acontece em outros poemas do jogral “Lopo”, por exemplo, ou de Bernal de Bonaval, ou ainda, de Pero Meogo, reiterando a alternância entre o silêncio e o jorro da voz no retorno temporal da rememoração que a segunda, a terceira e a quarta estrofes fazem o leitor penetrar. Essas oitavas apontam para a complexa compreensão sobre o tempo, movendo a subjetividade pela brisa e pelo sol mas também por obstáculos, sombras e fraquezas. O vitalismo que se quer revisitado nas sendas do trovadorismo apenas parece se justapor àquela pedra filosofal, a obsessão amorosa por uma concepção de mundo incerto e de linguagem metamórfica.

O instante é o de transformação, ou seja, de metamorfose, portanto, revelando um espaço de intimidade que se abre ao leitor, de forma hesitante, interrogadora: – em longes praias, outras nuvens, outras vozes / ainda as recordas, diz, ó meu amigo”. Outras dúvidas e incertezas aparecem nos poemas de “Amor”, como em “Rondel”, “de amor quem amo nunca sei ao certo”. Tudo ou quase tudo em “Amor” situa-se distante, em um tempo longínquo, como é próprio dos restos do rumor da língua, principalmente, a que Jorge de Sena busca resgatar.

Curioso será se houver na memória do interlocutor, que não o leitor, a memória comum daqueles passos, mesmo que “carcomida” pelos ventos e pelas marés, mas e se o amigo for o leitor? E se for este “tu” a figura

convencional esquecida do tempo em que a metáfora tinha vida e provocava um reconhecimento de sentido tão ao contrário da superficial linguagem de hoje? Talvez, neste momento agudo, no qual as camadas que sedimentam o texto parecem ser impenetráveis, o enunciador precisasse contar com a sábia resposta de um pinheiro a aquietar a louca ansiedade da dúvida. Mas esse pinheiro não foi para aqui chamado. E mesmo o espanto daquilo que hoje se vive como amor, se coincidente, ainda que em cuidado, “sem palavras” seria desnecessário porque a memória cumpre um outro destino, o de meter o tempo em xeque, na cisão radical, afinal, “partiste” e “levaste” o tempo consigo.

A diferença abissal entre o agora e o passado, em tempo verbal cuja flexão também é perfeita – o passado perfeito – revela a exigência da verdade nua e irreduzível solidão; a descontinuidade de um domínio que parece continuar mergulhado naquele tempo sem sair dele. Por isso, a “estátua jacente” mais aproxima-se do metamórfico Adamastor de Santa Catarina, em flagrante terror, naquele instante punitivo de uma conscientização. E quantas vezes, no trovadorismo, o refrão não é apenas um eco daquilo que já se foi, um grito que continua por sobre a ruína, o pó do que se desfez? O refrão, que salta do silêncio à voz que simula o passado até a mudez final, estanca o tempo móvel e cíclico do regresso naquele que partiu. A nostalgia lúcida do tempo sem resposta, como a concepção de um mundo angustiada o exige, aponta ao leitor que a memória trai, que o imaginário trai e que a linguagem pode sempre trair, embora, trair, neste caso, talvez seja também “perfeição”.

Afinal, a “traíçoeira fênix”, que ao revisitar repete sem deixar a coincidência prevalecer, modaliza aquilo que o cantar nos exige enquanto leitores – reflexão, espanto, interpretação – uma posição a ouvir o eco daquela linguagem antiga, porque, talvez, roubada para sempre. Na estrofe “finda”, muda a interpelação. Agora, o grito mudo, angustiada da saudade revela o tempo de juventude levado, a saudade que atua apenas na aproximação imaginária; tudo é levado com o amigo. Como a memória do

leitor pode habilitar, em uma manhã triste, levados foram certos pássaros; ainda, em uma outra, triste madrugada camoniana, ficou apenas a mágoa. Três verbos a dar voltas ao refrão – recordar, dizer e levar – marcam o “palpitar” desse cantar que à maneira de uma coita reflexiva vê o terror de não se poder morrer de amor, de um amor que hoje são cinzas. E, talvez, não seja de todo impróprio ou imperfeito terminar, perguntando: – Tu sabes ler, ó meu amigo?

* Professora Associada e Livre-Docente da USP-Universidade de São Paulo. Coordena o LIA-Laboratório de Interloquções com a Ásia e o Grupo de Pesquisa “Macau: literaturas, línguas e culturas”. Pesquisadora do CNPq. Pós-Doutorado na Universidade de Macau. Professora Visitante (2014) na Universidade de Florença. Participa de vários grupos de pesquisa, priorizando culturas portuguesas na Ásia, literaturas de Macau e poesia de língua portuguesa contemporânea, tendo vários títulos publicados nessas áreas. Pelo ensino e divulgação da Literatura, recebeu o Prêmio “Talentos 2007”, oferecido pelo Ministério de Negócios Estrangeiros de Portugal.